De que maneira pode o psicanalista operar com a branquitude?[1]

Tamiris Reis

Resumo

A psicanálise proposta por Freud e os avanços teóricos de Lacan nos dão instrumentos para refletir acerca de questões tão presentes no tecido social brasileiro como o pacto da branquitude, conceito da psicóloga Cida Bento, mas também para sustentarmos uma formação permanente à altura do nosso tempo. O ato analítico é aquilo que, por contingência, instaura a presença do analista enquanto uma função lógica dentro de um discurso, o discurso do analista. Há uma incompatibilidade entre sustentar uma posição narcísica de gozo que, de tão reconhecida socialmente, torna-se invisibilizada, e a posição de analista. Justamente por ser a racialização da pessoa branca (ou lida socialmente como tal) uma questão invisibilizada, questiono se é possível estar advertida desta sem que tenha sido a própria condição racial do analista tratada e atravessada na sua própria análise. Faz-se urgente ampliar as margens de nossa escuta e cuidar de uma formação ética e bem orientada dos atuais e futuros psicanalistas.

Palavras-chave:

Branquitude; Gozo; Psicanalista.

In what ways can a psychoanalyst work with *branquitude*?

Abstract

The psychoanalysis proposed by Freud and the theoretical advances of Lacan provide us with tools to reflect on issues so present in the Brazilian society, such as the branquitude pact, a concept by psychologist Cida Bento, but also to support a permanent training that is relevant to our time. The analytic act is what, by contingency, establishes the presence of the analyst as a logical function within a discourse, the discourse of the analyst. There is an incompatibility between the position of analyst

1 Artigo apresentando no XXV Encontro Nacional da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano – Brasil (EPFCL-Brasil), intitulado "A formação do analista: urgência da nossa época", ocorrido em Maceió (AL), em 2025.

and a narcissistic position of jouissance that, being so socially recognized, becomes invisible. Precisely because the racialization of the white person (or socially perceived as such) is an invisible issue, I question whether it is possible to be aware of this without the analyst's own racial condition having been addressed and traversed in their own analysis. It is urgent to broaden the scope of our listening and to ensure an ethical and well-oriented training for current and future psychoanalysts.

Keywords:
Branquitude; Jouissance; Psychonalyst.

¿De qué maneras puede un psicoanalista trabajar con la blanquietud?

Resumen

El psicoanálisis propuesta por Freud y los avances teóricos de Lacan nos brindan herramientas para reflexionar sobre cuestiones tan presentes en el tejido social brasileño como el pacto de la blanquitud, concepto de la psicóloga Cida Bento, pero también para sostener una formación permanente a la altura de nuestro tiempo. El acto analítico es aquello que, por contingencia, instaura la presencia del analista como una función lógica dentro de un discurso, el discurso del analista. Existe una incompatibilidad entre sostener una posición narcisista de goce que, por estar tan reconocida socialmente, se vuelve invisibilizada, y la posición de analista. Justamente por ser la racialización de la persona blanca (o socialmente considerada como tal) una cuestión invisibilizada, cuestiono si es posible estar advertida de ella sin que la propia condición racial del analista haya sido tratada y atravesada en su propio análisis. Se hace urgente ampliar los márgenes de nuestra escucha y cuidar de una formación ética y bien orientada de los actuales y futuros psicoanalista.

Palabras clave:
Blanquietud; Gozo; Psicoanalista.

De quelles manières un psychanalyste peut-il travailler avec la blanchité ?

Résumé

La psychanalyse freudienne et les avancées théoriques de Lacan nous offrent des outils pour réfléchir à des problématiques profondément ancrées dans le tissu

social brésilien, telles que le pacte de la blanchité, concept forgé par la psychologue Cida Bento, mais aussi pour assurer une formation continue pertinente à notre époque. L'acte analytique, par contingence, institue la présence de l'analyste comme fonction logique au sein d'un discours, le discours de l'analyste. Il existe une incompatibilité entre le maintien d'une position narcissique de jouissance qui, de par sa reconnaissance sociale, devient invisible, et la position d'analyste. Précisément parce que la racialisation de la personne blanche (ou perçue comme telle socialement) est un phénomène invisible, je m'interroge sur la possibilité d'en prendre conscience sans que la propre condition raciale de l'analyste ait été abordée et explorée dans sa propre analyse. Il devient urgent d'élargir les marges de notre écoute et de prendre soin d'une formation éthique et bien orientée des psychanalystes actuels et futurs.

Mots-clés :
Blancheur ; Jouissance ; Psychanalyste.

De partida, gostaria de situar que identifico uma urgência em nosso campo que reside não em nos ocuparmos dos efeitos do que tem se chamado "movimentos identitários", ou seja, do que cada um fará com a possibilidade de encontrar uma nomeação que traga reconhecimento a um sofrimento historicamente perpetuado e silenciado. Como disse Izcovitch (2022, p. 36), a pergunta "Quem sou eu? (…) se torna ainda mais aguda para aqueles que permanecem às margens da sociedade". Por outro lado, refletir com os instrumentos que a psicanálise oferece acerca da economia libidinal em jogo no que institui o racismo como estruturante de uma sociedade, aquilo que Cida Bento vai apontar como um pacto narcísico não verbalizado que visa garantir a manutenção das mesmas posições (de gozo) de brancos e negros na estrutura social, velado pelo mito da democracia social e da meritocracia, isso sim se faz urgente e necessário. Sobre a relação entre gozo e racismo, Derek Hook (2021, p. 204) aponta que o "gozo nunca circula desvinculado de um contexto sócio-histórico, e que está ancorado em uma matriz sociossimbólica particular de leis e ideais sociais".

Quando a pergunta que intitula esse trabalho me ocorreu, me interrogava se um analista, para ter condições de escutar as pistas que apontam uma posição narcísica de gozo sustentada no pacto da branquitude deveria, necessariamente, ter tratado, nomeado, atra-versado sua condição racial na própria análise ou se chegada a seu fim e ao ponto de suportar o ato analítico, seria suficiente para desmontar um pouco essa "estrutura pulsionalmente estabelecida e mantida ao longo dos séculos" (Guerra, 2021, p. 66).

Sabemos que a branquitude tem como característica fundamental a invisibilização da condição racial de pessoas brancas e dos seus efeitos. Por não serem interpelados, apontados ou julgados em razão de sua raça, os beneficiários desse "lugar simbólico" não se queixam disso. Qual, então, seria a formação suficiente e necessária ao analista para que uma psicanálise em intensão não perpetre ou negligencie essa repetição traumática brasileira?

A questão revela-se moebiana: de que maneira pode o psicanalista operar com a branquitude do analisante ou de que maneira pode o analista operar com a sua própria branquitude? Uma depende da outra, é minha hipótese inicial.

Após muitas voltas e elaborações, chego em um ponto crucial: O Analista, *stricto sensu*, não existe e, justamente por isso, Lacan propõe o dispositivo do passe, célula base, junto ao cartel, de sua Escola que trabalha para manter a pergunta "o que é um analista?" em aberto. O analista é uma função (lógica), uma posição possível de ser ocupada dentro de algumas condições, e de um determinado discurso que instaura um laço. O que daria essas condições? Sabemos que a análise é necessária, mas não suficiente, precisando a (de)formação do analista "ser garantida pela sua provação permanente" (Fingermann, 2016, p. 23). Aquilo que passa cego, inaudível, incólume àquele que escuta, impedindo que, na visada do ato analítico, uma deformação topológica, uma transformação possa ser operada; isso diz também da resistência do lado do analista? Afinal de contas, ao longo de horas, dias, anos, até décadas de sessões de análise, a função analista aparece, ocorre, se faz presente em seu ato, mas não a todo momento. O ato analitico é o que dá a prova da presença do analista, "sua acontecência, algo de analista acontece" (Fingermann, 2016, p. 24).

Sidi Asfokaré foi preciso, ao nomear "Psicanálise ou racismo" sua conferência publicada na *Stylus 46*. Ouso dizer: psicanálise ou branquitude. Se considerarmos a psicanálise em intensão, ou seja, é-feito do ato psicanalítico, uma coisa é incompatível com a outra, se trata de uma escolha exclusiva.

A história da chegada da psicanálise lacaniana ao Brasil e a cisão de 1998, a partir da qual nasceu a Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano – Brasil, evidenciam a repetição do "mau uso do Um", e no caso do Brasil, incrementado pela disparidade da relação colonizador-colonizado (França-Brasil). Talvez uma demonstração do que Andrea Guerra vai nomear como uma "variação atual (…) do mestre moderno, a do mestre colonizador" (Guerra, 2022, p. 166). Ela situa ainda que: "na linha do Equador, uma linha abissal traça a operacionalização do discurso imperial capitalista: aquele que atualiza o discurso colonizador" (Guerra, 2022, p. 167). Bom, se devemos estar advertidos de que o risco da instituição de um mestre, um pai ideal, segue vivo e que é preciso estarmos vigilantes quanto a isso, pois a tendência às formações de grupos e seus efeitos insiste em todos os aglomerados humanos, inclusive entre psicanalistas e, por essa razão, se faz tão

necessário zelar pelos dispositivos do cartel e do passe; se o discurso do mestre a qualquer momento pode fazer morada e ganhar cadeira cativa entre nós, estaríamos imunes a nos refugiar no pacto da branquitude, à repetição dessa estrutura invisibilizada e ainda tão a-creditada.

Freud, em seu tempo, foi capaz de escutar os apelos histéricos que revelavam os efeitos da repressão sexual, ainda mais intensamente dirigida ao feminino, e de uma percepção à frente de sua época, produziu a psicanálise. Suas ressonâncias foram tão revolucionárias a ponto de Lacan compará-la à revolução copérnica. Em "A coisa freudiana" ele situa "um ensino verdadeiro como aquele que não pare de se submeter ao que se chama de novação" (Lacan, 1965-1966/1998, p. 437). Não se trata de propor uma nova psicanálise, mas dentro dos princípios da Escola de Lacan sustentar uma orientação à formação permanente, à altura do nosso tempo, que possibilite a ampliação das margens de nossa escuta e favoreça a abertura dos caminhos para que o analista em intensão/transmissão possa comparecer.

Referências bibliográficas

Bento, C. (2022). *O pacto da branquitude*. São Paulo: Companhia das Letras.

Fingermann, D. (2016). *A (de)formação do psicanalista: as condições do ato psicanalítico*. São Paulo: Escuta.

Guerra, A. (2021). Branquitude e psicanálise: segregação racial e a matriz colonial do saber. *Revista Espaço Acadêmico*, (230), 55-67.

Guerra, A. (2022). *Sujeito suposto suspeito: a transferência no Sul Global*. São Paulo: N-1 Edições.

Hook, D. (2021). Racismo e gozo: uma avaliação da hipótese do racismo como (roubo de) gozo. In *A psicanálise em elipse decolonial*. São Paulo: N-1 Edições.

Izcovich, L. (2022). *A identidade: escolha ou destino?* São Paulo. Aller.

Lacan, J. (1998). A coisa freudiana. In J. Lacan. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1965-1966)

Recebido: 28/02/2026

Aprovado: 01/08/2026